


## FATOS & QUESTÕES que impactam os negócios


O IN2 (Intelligence Insights) da NOUS SenseMaking, é um recorte do processo de monitoramento de mercado realizado internamente pelo time seu de consultores e especialistas. Seu objetivo é gerar insights, avaliar os possíveis impactos e desdobramentos nos planos estratégicos de médio e longo prazo nas organizações, e que merecem atenção e consideração nas análises dos tomadores de decisão.

### Bons Insights!

#### 1. METALS, MINING, ENVIRONMENT AND THE ELETRIC CARS


Estimativas apontam o ano de 2025 como o ponto de virada dos carros elétricos, momento em que dois fatores cruciais estariam próximos de um ponto de equilíbrio: o custo de aquisição e uma razoável rede de abastecimento. Mas nesses próximos três anos alguns fatores serão fundamentais para dar sustentabilidade a esse quadro: o preço dos metais utilizados na construção das baterias; a compensação de carbono advinda da mineração desses metais; e a criação de uma estrutura de reciclagem desses metais para nova utilização.


 Já existe uma grande dependência dos carros a combustão de alguns importantes metais, como o paládio, utilizado nos conversores catalíticos dos atuais veículos mono combustível ou híbridos. A corrida pela garantia de acesso a outros importantes metais fundamentais para a construção das baterias elétricas como o níquel, cobre e cobalto, já está acontecendo. Pressão sobre os preços desses materiais e também sobre sua produção e regiões onde os mesmos são encontrados já são visíveis. O aquecimento global e as emissões de carbono e outros efeitos negativos gerados pela mineração ficam ainda mais sob atenção.

 Abre-se um enorme mercado potencial para as cadeias produtivas a montante e a jusante da mineração e da indústria de veículos. A descoberta e viabilidade de novos materiais mais baratos e de mais fácil acesso e menor impacto ambiental, que garantam a durabilidade das baterias utilizadas nos veículos elétricos são um campo vastíssimo de novos negócios e de fuga da centralidade das fontes desses materiais. Soluções que potencializem a chamada green mining são relevantes para dar sustentabilidade ao modelo e já são altamente demandas; assim como alternativas de negócios e tecnologias que garantam a reutilização desses metais.

#### 2. MORRE O “JUST IN TIME” E NASCE O “JUST IN CASE”?

Com o acontecimento da pandemia do COVID-19 e o acidente em Suez, provocado pelo gigante Ever Given, que interrompeu por uma semana a passagem de outras embarcações pelo canal, algumas das premissas de ouro de toda a estratégia de suprimentos parecem estar sendo colocadas a prova. Questões como centralização da produção em uma ou duas instalações em locais de baixo custo (impostos e mão de obra principalmente); o custo como o direcionador de todas as estratégias e a entrega de componentes só quando necessário no chão de fábrica, estão sendo revistas.

 As alternativas buscadas para fazer frente a essa nova realidade, têm trazido uma nova visão sobre as estratégias de suprimentos, moldando, portanto, novas estratégias e refazendo toda a estrutura que sustentou até então a lógica vigente nas cadeias de suprimentos. Mesmo com o “reinício” da abertura dos países, os gargalos e obstáculos nas cadeias de abastecimento estão visíveis e parece não se configurar no horizonte uma solução razoável no médio prazo. A crença no estoque mínimo deixou as organizações com falta de produtos.

 A análise de riscos (novos surtos pandêmicos, já previstos; questões geopolíticas, dentre outras) tem levado as cadeias para a lógica do “just in case”. Isso torna impositivo que as empresas tenham de se adequar rapidamente a essa nova realidade. Custo como o direcionador máximo, contratos de curto/médio prazo; concentração da produção e estoques mínimos, parecem não fazer mais sentido. No seu lugar, como contratos de longuíssimo prazo, parcerias e redes regionais, aumento dos volumes de estoque, instalações compartilhadas e acesso e domínio das informações em todos os elos da cadeia são os novos fundamentos a serem postos em prática.

### **3. SPIES, YESTERDAY, TODAY AND TOMORROW**

Uma das mais antigas atividades existentes na face da terra, a espionagem (a nomenclatura parece antiga, mas nunca esteve tão atual), parece ganhar cada vez mais força e mais possibilidades. Ela se apresenta na atualidade de forma múltipla. Pesa como uma fábula para a maior parte das organizações, que vê essa atividade no âmbito das empresas no mínimo como uma teoria da conspiração.

❗ As tradicionais técnicas de espionagem industrial, foram robustecidas pelas múltiplas possibilidades tecnológicas que hoje estão disponíveis. É fundamental entender que quase nunca uma ação de espionagem está 100% ancorada numa abordagem baseada em tecnologia. Ao contrário do que o imaginário faz supor, quase sempre ela conta com um fator humano em algum momento da sua ação. Ou seja, mais do que segurança em termos de tecnologia, é preciso termos profissionais conhecedores e preparados para não serem essa “porta de entrada”.

💡 O desenvolvimento de estratégias e ações no campo da contra inteligência competitiva, uma abordagem ética e legal (portanto, diversa da espionagem), com instrumental e métodos próprios, juntamente com soluções tecnológicas apropriadas, ainda são uma das melhores alternativas para que uma organização não se veja vítima dessa antiga/nova forma de ação dos concorrentes e “stakeholders”. Casos emblemáticos, inclusive noticiados pela mídia, como os da Huawei/Nortel; LVMH (holding francesa artigos luxo, Louis Vuitton); Credit Suisse (Iqbal Khan); fusão Kroton/Estácio (Rogério Melzi); Uber (Anthony Levandowski), dentre muitos outros.

### **4. AINDA HÁ MUITO JOGO PARA SER JOGADO, MAS O CENÁRIO ESTÁ MUDANDO**

Diversos movimentos recentes no mercado bancário, têm trazido respostas para questões até então em aberto. Apesar de ainda pairar muitas dúvidas sobre a direção que prevalecerá nesse mercado, algumas pistas desse contorno futuro parecem estar sendo construídas hoje.

❗ Poderíamos enumerar diversos desses acontecimentos, mas com o objetivo de simplificar a mensagem que o mercado vem passando, vamos citar apenas dois deles, acreditamos bem emblemáticos: a) recentes investimentos recebidos por uma fintech brasileira que se identifica pela cor roxa e que hoje vale mais do que os bancos oficiais brasileiros; b) um dos maiores bancos americanos, anunciou recentemente que não iria mais cobrar tarifas sobre o cheque especial.

💡 Ao que parece, assim como vem se delineando no mundo do trabalho, o mercado bancário terá a característica de ser híbrido, ou seja, conviverão e se adaptarão tanto os bancos tradicionais, como as novatas fintechs. De um lado a tradição buscará se adaptar ao novo, não só em termos tecnológicos, mas muito mais em termos de modelo de negócio. Por sua vez, o novo buscará caminhos para demonstrar sua solidez e confiabilidade, e isso não poderá estar apenas baseado nos grandes volumes financeiros dos investidores. Nesse cenário os retornos positivos esperados em qualquer negócio tradicional deverão ser um fato real.

### **5. NUVENS QUÂNTICAS, O NOVO PATAMAR**

Recentemente uma startup canadense com atuação focada em computação quântica, lançou uma plataforma de nuvem quântica.

❗ Desenvolvedores e outros interessados poderão acessar seus processadores quânticos fotônicos, que estarão disponíveis nesse ambiente. Para que possamos ter uma ideia da sua capacidade, estarão sendo acessados chips de 8 ou 12 qubit (bit quântico); que semelhante, mas ao mesmo tempo diferente do bit tradicional, o qubit pode ocupar as posições 0, 1, ou uma superposição de ambos.

💡 Entramos, portanto, numa nova era da Inteligência Artificial. Aprendizagem de máquina ficará para trás, estaremos em breve nos referindo apenas à aprendizagem de máquina quântica. Teremos disponível uma capacidade de processamento incomensurável, conseguindo então equacionar modelos algorítmicos mais complexos, com potencial para resolução de problemas antes impensáveis. O futuro acabou de chegar!

## 6. SATÉLITES: A NOVA CONSTELAÇÃO “ARTIFICIAL” DE ESTRELAS

Uma das maiores empresas privadas de tecnologia do mundo moderno, recebeu recentemente a aprovação do órgão estadunidense responsável pelo assunto, a aprovação para lançar no espaço 3.236 satélites. Para se ter um parâmetro da quantidade de satélites que essa empresa pretende colocar no espaço, a estimativa atual aponta para a existência de 2.600 unidades ativas desse equipamento populando o espaço.



Estamos nos referindo a apenas uma empresa. Mas claro, muitos outros players do mercado e concorrentes dessa enorme organização, algumas tão grandes como ela, com receitas muito maiores que o PIB da grande maioria dos países do planeta, já tem seus planos constituídos e visualizam o lançamento dos seus respectivos satélites.



Além das questões relativas à observação, estudo e análise das verdadeiras estrelas, e à questões como o congestionamento do espaço sideral próximo ao nosso planeta, parece estarmos em frente a mais um campo de coleta de grandes quantidades de dados de pessoas e territórios, reforçando ainda mais o poder dessas chamadas big techs e de outras companhias cujo foco de suas ações pode não estar diretamente vinculado aos interesses dos cidadãos e governos.

## 7. MAR, COMO A ÚLTIMA FRONTEIRA DO DESENVOLVIMENTO (AMAZÔNIA AZUL)

Em edições anteriores já pontuamos essa questão. Mas devido à sua crescente importância e cada vez mais diversificada em termos de possibilidades, ela traz uma das melhores alternativas para fortalecimento do processo de desenvolvimento do Brasil.



Recentemente foram identificados diversos potenciais investidores interessados no segmento de geração eólica em alto-mar (offshore), que aguardam as definições regulatórias do governo federal para iniciarem seus investimentos. E essa é apenas uma alternativa, sustentável, que poderia ajudar a equacionar o problema de energia brasileiro. Energia essa que se configura como um dos elementos mais relevantes para um desenvolvimento consistente do país, agora e no futuro. Mas são muitas as possibilidades: mineração, energia (fundo do mar), possibilidades de descobertas na fauna pelágica, aplicações militares, pesca de fundo, dentre diversas outras.



Firmada em Montego Bay, Jamaica, 1982, a “Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar” (CNUDM), conta desde então com a participação brasileira. O Brasil constituiu ainda a chamada “Comissão Interministerial para os Recursos do Mar”, aprovando em 2020 o “10º Plano Setorial para os Recursos do Mar”. Apesar das comissões e planos aprovados; como acontece em outras esferas, a questão é que não se visualiza ações concretas para o avanço nessa frente e, portanto, não se institui uma estratégia clara de utilização desse potencial e muitos menos projetos e investimentos, principalmente privados.



Novo site da NOUS SenseMaking, mais dinâmico, com mais conteúdo e novidades.

Acesse , confira nossas soluções e agende uma reunião com nossos especialistas.